

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 12, Centrado no Texto

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Temos discutido a intenção do autor como uma das facetas de uma abordagem histórica para a interpretação das Escrituras, que consiste em considerar o significado pretendido pelo autor como o objetivo principal da interpretação. Algumas pessoas históricas, uma em particular que você precisa conhecer em relação à intenção do autor, falamos um pouco sobre Friedrich Schleiermacher como uma das figuras importantes na busca pela intenção do autor como objetivo principal da interpretação. Completamente fora dos estudos bíblicos, mas curiosamente, um indivíduo que desempenhou um papel importante na exposição dos próprios estudiosos da Bíblia sobre sua compreensão da intenção do autor é um chamado ED Hirsch.

ED Hirsch, num livro antigo chamado *Validity in Interpretation*, sugeriu que é preciso distinguir entre significado e significância. Hirsch disse que significado era aquilo que o autor pretendia comunicar conforme inscrito no próprio texto. Esse é o significado que o autor ali colocou, o significado que o autor pretendia comunicar pelos símbolos da linguagem, a estrutura do texto que revelava o que o autor pretendia comunicar.

Assim, o significado original do texto estava vinculado à intenção do autor.

Diferentemente do que Hirsch disse, o significado do texto e que era a relação desse significado com praticamente qualquer outra coisa, que a maioria dos teólogos e estudiosos bíblicos rotularia como aplicações. Eles diriam que o significado é o que o autor originalmente pretendia comunicar; o significado seria a aplicação desse significado ao contexto moderno.

Portanto, Hirsch desempenhou um papel importante no estabelecimento da importância da intenção do autor, especialmente conforme revelada no texto e comunicada através do texto, o significado pretendido pelo autor que o autor deseja comunicar no texto, distinto da relação desse significado com qualquer outra coisa e outras situações, que Hirsch rotulou de significativas. E você verá frequentemente essa distinção entre significado e significância escolhida, mais uma vez, especialmente por intérpretes bíblicos, para distinguir entre o significado de um texto e sua relevância e aplicação contínuas ao leitor moderno. Mas dissemos que, embora existam muitas razões que tenham sido usadas para defender a intenção do autor como um objetivo digno e necessário na interpretação, por outro lado, alguns rejeitaram a intenção do autor por uma variedade de razões como válida ou mesmo um objetivo necessário ou possível da interpretação.

Antes de olharmos para isso, é importante perceber que a maioria dos que defendem a intenção do autor não pensa necessariamente que seja fácil, automática ou direta ou que se possa captar a intenção do autor de forma exaustiva ou perfeita, embora ainda pensem que é possível e necessário. . Mas há quem rejeite a intenção do autor como um objetivo possível ou necessário de interpretação. Então, por que alguns rejeitaram a intenção do autor como objetivo da interpretação? Por que alguns estão convencidos de que este não é um objetivo de interpretação válido ou mesmo possível? E, novamente, minha lista não pretende ser exaustiva, mas simplesmente capturar algumas das possíveis objeções.

Em primeiro lugar, alguns rejeitaram a intenção do autor porque é impossível entrar na mente de um autor e determinar o que esse autor pretende comunicar. Especialmente com autores que já não estão vivos, é impossível consultá-los para determinar exatamente o que queriam dizer. Algumas respostas iniciais à intenção do autor formularam o que é chamado de falácia intencional, que consiste em tentar

reproduzir ou recuperar o processo de pensamento do autor ou a mente do autor, a intenção do autor, e que o pensamento do autor é visto como inacessível.

Lembro-me de uma vez que estava conversando com um conhecido estudioso do Novo Testamento na Inglaterra, e estava conversando com ele sobre seu livro, um livro que ele havia escrito, e citei uma frase, e depois de citá-la, ele disse: eu realmente disse isso? Eu me pergunto o que eu quis dizer com isso. Isso me fez pensar se mesmo os autores vivos às vezes não sabem ou esquecem o que queriam dizer, quanto mais autores que não estão mais vivos, e especialmente um texto escrito 2.000 anos ou mais antes da época dos intérpretes modernos. Então, por esse tipo de razão, alguns dizem que é impossível entrar na mente do autor, porque é impossível entender o que o autor estava pensando e pretendendo, especialmente autores que não estão mais vivos para nos dizer que a recuperação do autor intenção é impossível.

Novamente, muitas vezes conhecida como falácia intencional. Uma segunda razão é que um autor pode não conseguir se comunicar adequadamente. Ou seja, alguns autores podem ser incompetentes.

Alguns autores podem comunicar mal, podem comunicar algo que não pretendiam dizer. Eles podem não expressar de forma clara ou adequada o que estão tentando transmitir e o que querem dizer, e podem até mesmo enganar os leitores, às vezes, mesmo sem querer. Portanto, a intenção do autor é irrecuperável, impossível ou desnecessária.

Outra objeção é que às vezes os autores podem se comunicar melhor do que imaginam. Ou seja, um autor pode dizer algo, e você pode ir até esse autor e perguntar: você quis dizer isso? E a resposta do autor pode ser algo assim, e você pode ter ouvido isto, não, eu não pretendia isso, mas isso certamente faz sentido, e

eu aceitaria isso como uma leitura ou interpretação válida do que eu disse. Vários autores escreveram livros, naquele em particular em que estou pensando, que registram exemplos de alunos lendo seus textos e lendo seus trabalhos e apresentando interpretações de que o autor fez o que nunca pretendeu significar, mas ainda assim considerou válida compreensão e compreensão desse texto.

E novamente, talvez você já tenha experimentado que quando você disse algo, alguém interpretou e disse: você quis dizer isso? E você respondeu, não, eu não pretendia isso, mas essa é uma compreensão válida do que eu disse. Eu aceitaria isso como uma verdadeira compreensão do que eu disse. Então, porque às vezes os autores se comunicam melhor do que imaginam, e os leitores às vezes encontram coisas no texto que os autores não pretendem, mas mesmo assim concordariam que há uma interpretação e significado válidos no texto, quanto mais com, novamente, com autores mortos, autores que não estão aqui para nos dizer se pretendiam ou não esse significado, ou mesmo que não o fizessem, que esse significado ainda é válido.

Assim, como os autores comunicam frequentemente, ainda hoje comunicamos às vezes melhor do que imaginamos, alguns sugeriram que, portanto, a intenção do autor é impossível de recuperar ou pelo menos desnecessária. Outra razão, e mais uma vez, nem todas estas estão relacionadas, algumas delas estão, mas outra razão que deve principalmente a sua origem a mais estudos literários é que os textos são vistos como flutuantes, que têm vida própria. Uma vez que o autor escreve um texto, ele agora está separado da vida do autor e tem vida própria.

Ou seja, o autor não tem mais voz na determinação de seu significado exato. O texto agora tem vida própria, e os leitores talvez possam então dar sentido ao texto e encontrar significados diferentes. Então, novamente, porque os textos são

autônomos, são entidades flutuantes com vida própria, a intenção do autor é então irre recuperável, ou pelo menos não é válido nos restringirmos à intenção do autor.

Alguns que pensariam que a intenção do autor ainda é um objetivo válido ainda poderiam sugerir, mas não podemos limitá-lo apenas à intenção do autor. Uma quinta objeção poderia ser que os intérpretes muitas vezes apresentam significados e interpretações diferentes do mesmo texto. Se a intenção do autor era verdadeiramente o objetivo principal, e verdadeiramente um objetivo válido, e um objetivo recuperável, então porque é que os intérpretes apresentam diferentes interpretações do texto? Então, por que alguém lê Gênesis 1 e 2, e está convencido de que há um período de criação de sete dias literais, 24 horas, por que outros leem o mesmo texto e o vêem como se referindo a algo que ocorre durante um período muito mais longo de tempo? Por que alguns leitores lêem Apocalipse 20 e a passagem do Milênio e estão convencidos de que ela ensina o pré-milenismo, enquanto outros leitores que leem o mesmo texto seguindo a intenção do autor estão convencidos do amilenismo? Ou porque é que alguns leitores lêem Hebreus capítulo 6, a conhecida advertência em Hebreus capítulo 6, e estão convencidos de que se enquadra numa perspectiva Arminiana, e outros leem o mesmo texto e estão convencidos de que apoia o Calvinismo? Ou alguns lêem as conhecidas passagens de gênero em 1 Coríntios 11 e 1 Timóteo 2, e alguns estão convencidos de que permite às mulheres participar em qualquer forma de ministério, incluindo ordenação e funcionamento como pastoras titulares, enquanto outros lêem o mesmo texto, indo segundo a intenção do autor, e vejo isso como uma limitação aos papéis que as mulheres devem desempenhar no ministério.

Então , como os intérpretes apresentam diferentes significados e interpretações de um texto, alguns sugeririam que aqueles leitores que buscam a intenção do autor, tratando a Bíblia como a Palavra de Deus, apresentem diferentes interpretações, que encontraram a intenção do autor. , alguns concluiriam que a intenção do autor é

irrecuperável. Uma última, mais uma vez, poderia haver outros, poderia haver outros exemplos que poderíamos apontar, mas os próprios autores do Novo Testamento muitas vezes parecem encontrar novos significados nos textos do Antigo Testamento. Por exemplo, em 1 Coríntios capítulo 10, 1 a 5, 1 Coríntios capítulo 10, 1 a 5, onde Paulo aborda um dos muitos problemas que ele aborda na igreja de Corinto, compara seus leitores à geração do povo de Deus do Antigo Testamento, à medida que eles saíram do Êxodo e passaram pelo deserto, e aqui está o que Paulo diz, pois não quero que vocês ignorem o fato, irmãos, de que nossos antepassados estiveram todos sob a nuvem e que todos passaram pelo mar.

Todos foram batizados em Moisés na nuvem e no mar. Todos comeram do mesmo alimento espiritual. Lembra quando Deus alimentou os israelitas com maná e quando Deus fez com que água saísse da rocha? Agora ouçam isto, e eles beberam a mesma bebida espiritual, pois beberam da rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo.

Eu desafiaria você a voltar e ler a narrativa original e encontrar uma referência clara a Jesus Cristo enquanto os israelitas vagavam pelo deserto. Então, alguns diriam que por causa de exemplos como esse, ou Mateus 1:23, onde Mateus cita um texto de Isaías, capítulo 7, a promessa de uma virgem que conceberá e dará à luz um filho, Mateus cita isso como sendo cumprido em Jesus, a pessoa de Jesus Cristo. No entanto, se voltarmos ao contexto original de Isaías, pelo menos à primeira vista, não parece ser um texto cristológico ou uma previsão de um Messias vindouro.

E assim, alguns olhariam para exemplos como esse e outros e diriam que mesmo os autores do Novo Testamento não pareciam interessados em recuperar o significado pretendido pelo autor no Antigo Testamento. Portanto, a conclusão é que alguns diriam frequentemente que a intenção do autor é desnecessária ou impossível de recuperar ou inválida ou, pelo menos, não podemos restringir a interpretação e o

significado apenas à intenção do autor. Então, dadas estas duas perspectivas, o que deveríamos dizer ou o que deveríamos fazer com a intenção do autor? O que devemos dizer sobre isso? A intenção do autor ainda é um objetivo válido e necessário? Deixe-me fazer apenas algumas observações sobre a intenção do autor que sugeririam que penso que a intenção do autor ainda é um objetivo digno, necessário e válido.

Em primeiro lugar, mesmo que não o façamos ou prossigamos da mesma forma que Schleiermacher o fez ou da forma como por vezes foi tratado ou prosseguido no passado, mas antes de mais, a primeira observação que faria Parece-me que se a Bíblia é de fato a palavra inspirada de Deus, se o texto que temos é nada menos do que um produto humano, um produto divino também , isso me sugere que a intenção do autor ainda é válida e um produto meta necessária. Se Deus mantém sua palavra, deve haver algum significado estável ao qual se possa chegar. Ou seja, deve haver um significado que Deus colocou ali que pretende comunicar ao seu povo e que deve ter-nos criado para que possamos compreendê-lo.

E além disso, quando você lê o texto das Escrituras, Deus claramente espera que seu povo obedeça e responda à sua palavra, de modo que o ceticismo completo sobre o significado e a intenção do autor ou o agnosticismo sobre a recuperação do significado pareça ser incompatível com a inspiração das Escrituras como A palavra de Deus. Como veremos, isso não significa que seja fácil, que nunca haja desentendimentos. Isso não significa que o significado possa ser recuperado exaustivamente ou perfeitamente, mas certamente ainda permanece como um objetivo válido, uma vez que dada a natureza da palavra de Deus como escritura, à qual Deus pretende que seu povo obedeça, sugere que Deus, deve haver um significado ele colocou dentro dele algo que deseja que as pessoas entendam.

Em segundo lugar, penso que quando compreendemos a intenção do autor, precisamos de compreender que o objectivo não é recuperar o processo de pensamento psicológico do autor. Explicações e exposições mais recentes sobre a intenção do autor tiveram o cuidado de evitar isso. O objetivo não é descobrir o processo de pensamento ou o estado psicológico do autor ou a intenção da mente, mas o único acesso que temos ao autor é o produto, o texto que o autor escreveu e que produziu.

Então, quando pensamos na intenção do autor, acho que precisamos ser um pouco mais matizados. É o significado que o autor codificou no texto. O texto é a única evidência que temos do que um autor estava tentando fazer e do que um autor estava tentando comunicar.

Novamente, a suposição é que o autor estava tentando comunicar algo em um determinado lugar e em um determinado momento, e o texto é um registro de um ato comunicativo histórico por parte de um autor a um leitor. Assim, podemos descobrir esse ato. Podemos explorar, explicar, estudar e descobrir o que o autor estava tentando fazer considerando o texto que o autor produziu.

Podemos descobrir o que o autor provavelmente pretendia dizer com o que foi revelado na gramática do texto, conforme revelado na estrutura do texto. Em outras palavras, como outros documentos históricos ou outros eventos históricos, o texto é um relato da intenção de um autor de fazer algo, de comunicar algo, um relato do ato comunicativo intencional de um autor. E então o objetivo é entender esse ato tanto quanto possível.

Portanto, não necessariamente entrar na mente do autor, ou nos colocar de alguma forma, para ter empatia com o autor, mas para entender o que o texto revela sobre a intenção do autor de comunicar algo. Uma terceira observação a respeito da

intenção do autor é que o objetivo não é ser exaustivo ou perfeito em nosso entendimento. Isto é, o objectivo da intenção do autor não é sugerir que de alguma forma podemos compreender exaustivamente ou perfeitamente o significado pretendido pelo autor, mas que podemos fazê-lo de forma substancial e adequada na nossa interpretação.

Portanto, precisamos estar cientes de que não podemos confundir ser exaustivo com uma explicação exaustiva do significado do autor com sermos capazes de fazê-lo substancialmente. Só porque não podemos descobrir de forma perfeita e exaustiva o significado do autor não significa que não possamos fazê-lo até certo ponto. Então, mais uma vez, precisamos ser mais matizados em nossa compreensão da intenção do autor.

Número quatro, creio que a hermenêutica da suspeita deve ser substituída por uma hermenêutica do respeito. Ou seja, em vez de abordar o texto com a suspeita de que podemos encontrar a intenção do autor ou rejeitá-la abertamente, isso precisa ser substituído por uma hermenêutica do respeito. O respeito pelo autor antigo, o respeito pelo texto antigo, o respeito pelo contexto antigo exige que lhe demos alguma prioridade na nossa interpretação.

Portanto, creio que há mérito na distinção de significado significativo de que falamos em relação a Hirsch. Que o sentido é deixar o texto falar, perceber que esse texto foi produzido por um autor num determinado contexto histórico para um determinado propósito, e que de alguma forma podemos recuperar isso de forma substancial, se não inadequada, se não perfeita e exaustiva. E isso pode ser distinguido entre significância, como isso tem uma relação contínua com diferentes contextos e diferentes leitores e diferentes situações.

Novamente, o que os evangélicos costumam chamar de aplicação. Assim, uma hermenêutica da suspeita deveria ser substituída por uma hermenêutica do respeito. Respeito ao texto, ao autor que o produziu, às circunstâncias históricas e ao contexto que deu origem ao texto, em que o texto foi produzido.

Quinto, há provavelmente algum mérito no argumento de que quaisquer argumentos de que a intenção do autor é inválida são logicamente autodestrutivos. Mais uma vez, a maioria das pessoas que comunicam pensamentos como esses argumentam de uma forma que esperam ser compreendidas e argumentam de uma forma que comunicam. Isto é, escrevemos para sermos compreendidos, e a leitura de um texto bíblico e a interpretação de um texto bíblico deveriam pelo menos permitir ao autor tentar falar e compreender o que o autor estava tentando fazer com esse texto.

Uma última, mesmo quando há divergências, seja sobre a questão do milênio, ou sobre a questão das mulheres no ministério, ou sobre a questão de saber se os dons carismáticos, como falar em línguas, profecias e milagres, ainda são válidos hoje . ou não, mesmo aqueles que argumentam, discordam sobre isso, ainda tentam fundamentar sua interpretação no texto e no que acham que o autor pretendia, em vez de simplesmente ver o texto como uma visão da interpretação como um vale-tudo e uma coisa qualquer. -vai. Então, a intenção do autor como objetivo da interpretação, um texto hermenêutico explicado assim, acho que uma maneira útil de explicar qual é o objetivo da interpretação, como entendemos a intenção do autor, é um texto colocado assim, a intenção do autor , o objetivo da interpretação é chegar ao significado do texto. O significado do texto é aquele que as palavras e as estruturas gramaticais desse texto revelam sobre a provável intenção do autor-editor e a provável compreensão desse texto pelos leitores pretendidos.

Vou ler isso de novo, o significado do texto é aquele que as palavras e as estruturas gramaticais desse texto revelam sobre a provável intenção do autor-editor e a provável compreensão desse texto pelos leitores pretendidos. Deixe-me apenas fazer alguns comentários sobre esta definição ou descrição. Em primeiro lugar, observe que ela está fundamentada no próprio texto.

Observe que o objetivo não é recuperar a intenção do autor no que diz respeito ao processo de pensamento ou ao que estava na mente do autor. O objetivo aqui é determinar o que o texto revela sobre a intenção do autor. Esta é a redação do texto, a construção gramatical do texto, e acrescentaria também o que podemos saber sobre as circunstâncias históricas que rodeiam o texto.

Tudo isso revela algo sobre a intenção do autor. Mas, além disso, observe a linguagem da probabilidade. Esta definição evita a linguagem da exaustividade ou de alguma forma que perfeitamente ou com certeza absoluta ou que de alguma forma descobrimos a intenção do autor e pronto, podemos ter certeza de que chegamos a ela.

Mas gosto da linguagem da probabilidade. O objetivo é descobrir a provável intenção do autor ou editor. Novamente, às vezes os textos podem ter sido reunidos por um editor, mas compreendendo a intenção provável, mas isso está ligado ao próprio texto, observando a estrutura, a estrutura gramatical do texto, o texto e, novamente, as circunstâncias históricas.

Mesmo o que os leitores originais para quem o autor estava escrevendo, o que eles provavelmente teriam entendido à luz do que o autor estava dentro dos horizontes do leitor estava tentando comunicar, pode-se chegar à provável intenção do autor. Novamente, isso sugeriria que a certeza absoluta nos escapa sem que o autor aqui nos diga exatamente o que ele quis dizer. E como o exemplo que dei na minha

conversa com um conhecido estudioso do Novo Testamento há pouco, o exemplo que dei revela que às vezes mesmo os autores vivos não têm muita certeza do que queriam dizer ou exatamente o que pretendiam.

Para que isso evite a linguagem da certeza absoluta e perceba que porque não temos, porque estamos separados do texto por dois milênios ou mais, por causa de algumas distâncias entre nós e o contexto original, porque o autor não está mais aqui, tudo o que temos é o próprio texto e, portanto, ao considerar o texto, podemos chegar a um alto grau de probabilidade de que a nossa interpretação corresponda ao que o autor pretendia. Como gosto de dizer, diria interpretação, qualquer interpretação é válida se responder à questão do que pode ser justificado a partir do próprio texto e do que podemos saber sobre o autor original, o seu contexto e os seus leitores. E novamente pelo próprio texto que incluiria a estrutura do texto, a gramática, mas colocando-o no seu contexto, tudo o que podemos saber sobre o autor, a situação histórica no contexto, os leitores, a gramática, a estrutura do texto, o contexto, o que pode ser justificado com base nesses dados.

Portanto, é um chamado para respeitar e dar prioridade ao ato original de comunicação em seu contexto original. Independentemente do que possamos fazer com o texto, de qualquer forma que possamos aplicá-lo, de qualquer outra forma que possamos usá-lo, parece-me que é um objetivo válido e necessário começar perguntando o que mais provavelmente o autor pretendia comunicar através do texto. Isso também poderia explicar, embora eu pense novamente, o ditado que analisamos ou a possível resposta que um autor poderia dizer quando confrontado com uma interpretação, embora, novamente, não tenhamos os autores bíblicos para consultar, mas certamente o caso poderia ser o mesmo acontece com os autores bíblicos, mas os casos em que um autor pode dizer que eu não pretendia isso, mas agora que vejo isso, faz sentido para o texto, e eu aceitaria isso como uma interpretação válida da minha leitura.

Mas mesmo assim uma leitura ainda teria que ser consistente com o texto, a gramática, o texto, a estrutura do texto, o que podemos saber sobre o autor, o que podemos saber sobre os leitores e as circunstâncias históricas em que ela ocorreu. Foi produzido. Deixe-me então fazer apenas algumas observações conclusivas sobre a intenção do autor no que se refere à hermenêutica ou à interpretação bíblica. Então, em primeiro lugar, no que diz respeito a reflexões adicionais, a intenção do autor significa que não vale tudo quando se trata de interpretação, mas mesmo quando há desacordo, ainda se procura descobrir, tanto quanto possível, a provável intenção do autor.

Assim, por exemplo, interpretar a parábola de Jesus sobre o mordomo injusto em Lucas capítulo 16 como sendo sobre elefantes ou girafas ou algo parecido está claramente fora dos limites, os limites do que poderia ter sido pretendido pelo autor, dado o pano de fundo do texto, e esse é um exemplo muito extremo e bobo, mas apenas para mostrar que há limites, e mesmo alguns que diriam que a intenção do autor não é necessária ou válida ainda iriam querer encontrar limites, que a parábola de Lucas não é sobre elefantes e girafas ou algo assim assim, mas deve ser entendido de forma mais consistente com o que se encontra no texto. Número dois, é importante perceber que a intenção do autor não é voltar à ideia, voltando ao ideal romântico do texto em branco ou ao ideal esclarecido da indução pura e da capacidade de chegar ao significado com base simplesmente num método indutivo racional. Esse não é o objetivo da intenção do autor, mas é também perceber, começando com Kant e outros, que abordamos textos com pressupostos e predisposições.

Nenhum de nós chega ao texto bíblico com a mente em branco, nenhum de nós chega com uma lousa em branco simplesmente esperando para ser inscrita, nenhum de nós somos esponjas secas simplesmente esperando para absorver objetivamente

os dados para que nossa interpretação corresponda de uma forma única, perfeita e perfeita com o significado do próprio texto. A maioria, creio eu, perceberia que esse objetivo é provavelmente inatingível e provavelmente ilegítimo. No entanto, isso não significa que sejamos relegados a um sistema interpretativo livre, vale-tudo ou vale tudo.

Mas, em vez disso, os nossos pressupostos, as nossas crenças teológicas, a nossa fé, a nossa formação cultural podem estar todos sujeitos ao texto e desafiados pelo texto, o que novamente torna impossível, talvez exaustiva ou perfeitamente, recuperar o significado do texto, mas ainda podemos fazermos isso, ainda poderemos descobrir a intenção do autor de forma substancial e adequada. Número três, a pessoa que diz, eu apenas sento e leio o texto objetivamente está provavelmente na pior posição para entender o texto e provavelmente corre mais risco de distorcer o texto, porque ao dizer algo assim, ela não sabe como suas crenças, experiências e predisposições anteriores podem influenciar o texto. A pessoa que começa e traz suas pressuposições e sua bagagem e tudo o que elas são para o texto provavelmente está em melhor posição para lidar com elas, ao contrário da pessoa que pensa que de alguma forma pode chegar ao texto com total objetividade, portanto desconhecem como seus pressupostos e crenças estão influenciando a forma como leem e interpretam o texto.

E em quarto lugar, a interpretação, especialmente à luz da intenção do autor, não deve ser concebida pelo intérprete como um mero observador passivo do texto, mas em vez disso, o leitor, o intérprete, é ativo e criativo na descoberta do significado. O intérprete é ativo na aplicação habil de métodos de interpretação ao texto. O leitor precisa interpretar o texto, lê-lo e entendê-lo.

Não somos apenas esponjas esperando para absorver os dados, mas devemos ler o texto, devemos aplicar métodos de interpretação de forma criativa e pensar o texto

para chegar à provável compreensão da intenção do autor. Entramos em diálogo com o texto ao permitir que ele nos desafie, nos mude e nos revele o seu significado. Então, como seria isso? Apenas rapidamente, a título de resumo, considerar a intenção do autor significa examinar o texto em seu contexto antigo.

Falamos sobre isso em conexão com o método histórico-crítico. Significa aprender tudo o que pudermos sobre o autor e suas circunstâncias e antecedentes. Significa aprender o que pudermos sobre os leitores e suas circunstâncias e antecedentes.

Significa aprender sobre o seu ambiente, o ambiente histórico, cultural e político a partir do qual o texto cresceu. Significa olhar as palavras à luz do que elas significariam no momento da redação do texto. Significa olhar para a gramática do texto.

Significa olhar para a forma como o texto está estruturado e olhar para tudo isso para que uma interpretação seja válida, ela deve se enquadrar nesses critérios. Para que uma interpretação seja válida, ela deve dar sentido ao que se sabe sobre o autor. Deve dar sentido ao que se sabe sobre os leitores.

Deve dar sentido ao contexto histórico e às circunstâncias a partir das quais o texto foi produzido. Deve dar sentido à gramática do texto, ao texto, à estrutura do texto, à forma como é redigido. Qualquer interpretação que deva ser plausível deve atender a esses critérios.

Portanto, o que pode ser justificado a partir do próprio texto e o que pode ser conhecido sobre o autor, os leitores e as suas circunstâncias é uma questão que é necessário colocar para validar a nossa interpretação. Assim, dadas algumas destas qualificações e dada esta discussão, prosseguirei com a suposição de que é válido começar e procurar o significado pretendido pelo autor. Novamente, não que

estejamos lendo a mente do autor ou tentando descobrir o processo de pensamento do autor.

Não que percebamos que existem dificuldades por causa das distâncias históricas e pelas possibilidades de não comunicar tão claramente quanto se deseja ou pela possibilidade de mal-entendidos dos leitores. Reconhecendo também que não temos o autor original para consultar. Mas mesmo tendo em conta tudo isto e percebendo que não podemos recuperar a intenção do autor de forma perfeita ou exaustiva, não significa que não possamos fazê-lo de forma substancial e adequada.

Dadas essas qualificações, a intenção do autor é de fato um objetivo digno e necessário em nossa interpretação. Agora o que quero fazer é avançar para dar um salto maior em nossa jornada através dos métodos de interpretação e hermenêutica. Temos nos concentrado nas últimas sessões em abordagens orientadas para a história, focando na crítica histórica e, dentro da crítica histórica, em algumas das outras críticas que desenvolveram a crítica da fonte, da forma e da redação.

Olhando para a intenção do autor, essas são geralmente vistas como tentativas de localizar o significado ou de localizar a atividade de interpretação por trás do texto, olhando para a produção histórica do texto. Agora quero concentrar nossa atenção em olhar para o texto em si como o foco do significado ou olhar dentro do texto. São abordagens de interpretação centradas no texto.

Portanto, examinamos abordagens historicamente orientadas ou abordagens centradas no autor. Agora veremos abordagens de interpretação centradas no texto e, ao fazer isso, examinaremos uma variedade de métodos. Um ou dois deles não cortaram completamente os laços com questões de autor e história, mas ainda se concentram principalmente no texto como um produto acabado.

Incluirei também aquelas que pretendo examinar uma série de abordagens que parecem estar interessadas exclusivamente em olhar para o próprio texto como objeto de interpretação e centro de significado. Agora, devido a algumas das deficiências das abordagens orientadas para o autor ou da intenção do autor, algumas que mencionamos há pouco em nossa discussão sobre a intenção do autor, devido a algumas das deficiências ou objeções às abordagens de interpretação centradas no autor, novamente historicamente e logicamente você pode ver como a hermenêutica mudou, embora nem sempre exclusivamente, mas geralmente passou de abordagens históricas e orientadas para o autor para abordagens orientadas para o texto e então o próximo estágio serão as abordagens orientadas para o leitor. Historicamente e logicamente, foi assim que a hermenêutica evoluiu, tanto nos estudos literários como nas disciplinas literárias fora dos estudos bíblicos, mas também nos estudos bíblicos.

E como outro aparte, uma coisa que você verá é que os estudos bíblicos tendem a ficar atrás dos estudos literários, então o que muitas vezes é feito no desenvolvimento de estudos literários ou mesmo abordagens de leitores, os estudos bíblicos geralmente alcançam, mais cedo ou mais tarde, e começam a implementar algumas dessas abordagens. Portanto, quero examinar algumas abordagens da hermenêutica ou da interpretação bíblica centradas no texto, ou seja, abordagens que encontram significado centrado no próprio texto e, geralmente, novamente com base em algumas das deficiências das abordagens centradas no autor, a atenção agora se voltou para o próprio texto. E isto é novamente encontrado especialmente nas abordagens literárias ou na crítica literária.

Se você já fez um curso universitário de crítica literária, esses tipos de abordagens semelhantes já foram aplicados aos estudos bíblicos. Apenas algumas observações relacionadas a abordagens literárias ou abordagens centradas no texto e, novamente, meu objetivo não é gastar muito tempo desenvolvendo uma abordagem

literária e definindo exatamente o que ela é, mas sim apresentar algumas características das abordagens literárias. ao Antigo Novo Testamento, à literatura bíblica. Em primeiro lugar, as abordagens literárias, especialmente à medida que as abordagens centradas no texto se desenvolvem, as abordagens literárias muitas vezes rejeitaram o autor como o centro da interpretação.

Isto está relacionado com a segunda observação, na medida em que o texto por si só é o único guia de significado e o único guia para a compreensão. Foi separado de seu autor e agora o texto tem vida própria. Assim, alguns intérpretes estão interessados apenas na estrutura do texto em si, independentemente do autor que o produziu ou da história que o produziu.

Eles consideram o texto tal como está. Assim, as abordagens históricas olharam mais para a produção histórica do texto como o autor e para as circunstâncias históricas que produziram o texto, onde os estudos literários muitas vezes veem a autoridade no próprio texto como o guia para a compreensão. Portanto, o texto por si só é o único guia para o significado.

Foi cortado do autor. É uma entidade flutuante, um texto autônomo. Uma terceira característica das abordagens literárias e centradas no texto é que elas prestam atenção às características e estruturas formais do texto.

Freqüentemente, eles se concentram na forma final do texto. Freqüentemente, eles não estão interessados em quaisquer fontes ou formas que precedem o texto, mas, novamente, geralmente se concentram no produto final, na forma final do texto tal como está. Eles não estão interessados em isolar formas ou descobrir fontes por trás do texto.

Uma quarta característica, especialmente relacionada aos estudos bíblicos, eles tendem a tratar a Bíblia como literatura. Ou seja, eles estão perguntando, o que quero dizer com isso é que estão fazendo as mesmas perguntas que fariam com qualquer outro texto literário. O mesmo tipo de perguntas frequentemente feitas em cursos de crítica literária de texto que alguém pode fazer em um ambiente universitário, por exemplo.

A quinta e última característica é que as questões históricas são frequentemente colocadas entre colchetes. Novamente, o texto é visto como uma unidade independente, e o único mundo que é importante é o mundo que está contido no texto. O mundo que se encontra no texto não está tão preocupado com o mundo fora do texto.

Ou seja, os textos literários são frequentemente vistos como auto-referenciais, o mundo criado pelo próprio texto, e não o mundo ao qual ele se refere fora do texto. Então, novamente, muitas vezes vemos estudos literários desinteressados em saber se um determinado personagem de uma narrativa era histórico ou não, ou se um determinado evento realmente aconteceu. Eles não estão interessados nisso.

Eles estão simplesmente interessados na própria estrutura narrativa, na estrutura do próprio mundo dentro do texto, e não em algum mundo fora do texto ao qual o texto possa se referir. Muitas vezes, então, as questões históricas são colocadas entre colchetes e o texto é visto como uma unidade auto-referente e independente. Mas dentro disso há uma grande variedade de abordagens.

Quero apenas dar-lhes um exemplo de algumas abordagens que irei abordar de forma mais ampla nas abordagens literárias, ou mais amplamente nas abordagens centradas no texto. Normalmente, as abordagens literárias do Antigo Novo Testamento emergem com o que é conhecido como formalismo, ou a nova crítica

que realmente surgiu na década de 1920. Novamente, como eu disse, muitas vezes os estudos bíblicos desempenham o papel de acompanhar o que é feito em outras disciplinas.

Mas o formalismo, ou a nova crítica, é frequentemente o que a maioria das pessoas pensa quando pensa em crítica literária, seja ela de qualquer outro texto ou de um texto bíblico. E, novamente, os traços característicos do formalismo eram que o texto é suficiente para produzir significado. Novamente, o texto é autossuficiente.

É autônomo. Está desconectado do autor, por isso não faz perguntas sobre o autor e por que o autor escreveu e as circunstâncias históricas que o produziram. O texto é suficiente por si mesmo para produzir sentido.

Em segundo lugar, as questões históricas são geralmente colocadas entre colchetes. Novamente, mencionamos isso antes, porque, novamente, o mundo do texto é auto-referencial. Está contido no texto.

Eles não estão interessados no mundo fora do texto ao qual o texto pode se referir. O formalismo também dá atenção ao interesse estético e à arte literária. Em outras palavras, para os estudos bíblicos, isso significaria tratar o texto da mesma forma que qualquer outro texto seria tratado.

Assim, por exemplo, pode-se tratar uma narrativa bíblica, um texto bíblico, como o texto de Jó. Alguém pode ler o livro de Jó e não se preocupar com questões de autoria, no que diz respeito a quem escreveu o livro, ou com questões de data ou local de escrita. Ninguém estaria interessado na questão de saber se Jó foi uma pessoa real ou não, uma pessoa histórica, ou se os eventos registrados no livro foram eventos que realmente ocorreram, ou se os amigos que o aconselham são reais ou não.

Não nos preocuparíamos se eles eram oradores reais, mas sim apenas com a arte literária e a estrutura literária do próprio texto, e o efeito que ele tem sobre o leitor, e como os personagens são retratados no texto. em si e como eles se relacionam entre si. O enredo da história, o ponto de vista principal, questões como essa. O mesmo tipo de perguntas que alguém faria a qualquer obra literária.

E por razões óbvias, esta abordagem pegou na narrativa e também no texto poético. No Antigo Testamento, especialmente texto poético antigo, texto narrativo. No Novo Testamento, os evangelhos e as formas narrativas, como as parábolas, eram o lugar lógico onde isso se popularizaria.

Talvez um subconjunto ou tipo de formalismo ou crítica literária seja conhecido como crítica narrativa. Falaremos um pouco sobre isso também em relação ao Antigo Novo Testamento. Mas, novamente, para dar apenas alguns exemplos muito, muito brevemente, e novamente talvez darei um pouco mais de atenção ao Novo Testamento pelas razões que afirmei antes.

Mas no Antigo Testamento, por exemplo, Gênesis 1 e 2, dissemos sob o, e usarei alguns exemplos, e que talvez para comparar com como poderiam, o tratamento deles sob uma abordagem literária poderia comparar ou contrastar com como poderiam ter sido tratados de forma mais ampla, sob abordagens mais historicamente orientadas, por exemplo. Assim, com o Antigo Testamento, falamos brevemente sobre os capítulos 1 e 2 de Gênesis e a justaposição de dois relatos da narrativa da criação. Devido às diferenças de estilo, vocabulário e perspectiva, uma abordagem mais antiga e historicamente orientada colocaria a questão de quais fontes estão, as fontes que estão por trás dessas duas histórias da criação, e pode até ir mais longe e perguntar sobre a data e o cenário de essas duas histórias.

Mas a tentativa teria sido reconstruir as fontes que estão por trás dos dois relatos da criação em Gênesis 1 e 2, e atribuí-las às fontes corretas, a fonte J ou a fonte E ou o que quer que esteja por trás da história da criação em Gênesis 1 e 2. Em vez disso, uma abordagem narrativa ou literária deste texto apontaria a unidade literária do texto e diria, e às vezes, curiosamente, os mesmos dados que os críticos das fontes usariam para dissecar o documento poderiam ser usados por críticos literários para demonstrar a unidade dele e o funcionamento interno do texto. Assim, uma abordagem literária enfatizaria a unidade, a unidade literária do texto. Poderia abordar os temas da água e do criador e da terra e da semente e da maldição e da bênção e o papel que eles desempenham em Gênesis 1 e 2, bem como no resto do livro.

Em vez de fazer perguntas sobre o que este texto poderia dizer sobre a criação real, Deus criou o mundo em sete dias literais ou isso foi mais um dia de idade ou uma teoria de lacuna? O que isso diz ontologicamente sobre o processo real de criação? Historicamente, novamente, alguns poderiam, em vez disso, examinar esses temas e como eles funcionam e examinar novamente a arte literária do texto. Em vez de fazer perguntas sobre o autor colocando as outras fontes ou se isso corresponde ou como corresponde à criação real do universo. E então apenas olhar para o texto como uma unidade literária e olhar para a estrutura e o funcionamento interno do próprio texto.

Ou outro exemplo, para usar um exemplo mais curto, o livro de Rute. Novamente, pode-se examinar o livro de Rute lendo-o simplesmente como uma história, sem fazer perguntas novamente sobre a historicidade dos personagens e sobre quaisquer fontes que possam ter sido utilizadas ou questionando historicamente como esse texto funcionou. Mas, em vez disso, podem fazer perguntas sobre o enredo, o enredo da história, o desenvolvimento dos personagens e ler a história pelo seu efeito estético no leitor.

Novamente, esses são frequentemente os tipos de questões tradicionais encontradas no contexto da crítica literária. Então, novamente, eu poderia multiplicar exemplos no Antigo Testamento de textos especialmente narrativos, mas de outros textos que são examinados através dos olhos da crítica literária ou do formalismo. Mais uma vez, simplesmente olhar para o texto como uma peça de literatura, fazer perguntas sobre a sua estrutura, o seu desenvolvimento, olhar para ele como algo autocontido, o mundo no texto, não tanto o mundo fora do texto, colocando questões de história, etc

Apenas olhando para isso como uma peça de literatura. No Novo Testamento, no Novo Testamento, a crítica literária também se popularizou principalmente nos Evangelhos, embora a crítica literária tenha ido além da literatura narrativa e dos Evangelhos. Mas quero olhar um pouco para os Evangelhos mais tarde, quando falarmos sobre crítica narrativa.

Mas deixe-me mencionar um exemplo de crítica literária no Novo Testamento, ao qual já nos referimos. Essas são as parábolas de Jesus. Sugerimos que as parábolas de Jesus poderiam ser vistas como alegorias limitadas, ou seja, histórias que têm um, dois ou três significados principais de acordo com os personagens principais da história.

As parábolas parecem ter sido um campo de estudo frutífero para a crítica literária porque parecem ser histórias de ficção. Isto é, embora sejam realistas, Jesus nunca afirma que está contando histórias que realmente aconteceram historicamente, mas parece basear-se em histórias comuns para comunicar verdades sobre o seu ensino e o seu ministério e o reino de Deus. A crítica literária, porém, presta muita atenção a coisas como a estrutura e a estética das parábolas.

Por exemplo, já vimos que as parábolas podem ser examinadas conforme sejam monádicas, isto é, com um personagem principal, diádicas, com dois personagens principais, ou triádicas, com três personagens principais. E mesmo às vezes, mesmo quando você tem três personagens principais, outra pergunta que os críticos literários fazem é se todos os personagens desempenham papéis idênticos, se você tem uma figura mediadora com dois outros personagens no mesmo nível de autoridade, ou se a estrutura é mais vertical. , onde você tem uma figura de autoridade e outras figuras abaixo dessa pessoa, como um mestre com servos. Então eles fazem perguntas sobre a estrutura da parábola, como os personagens funcionam e como são montados.

Alguns fazem perguntas sobre a natureza estética das parábolas. É interessante que muitas das parábolas incluam elementos irrealistas. Já vimos que na parábola do filho pródigo não é realista que um pai com a natureza do pai da parábola do primeiro século tenha corrido para cumprimentar o filho.

Portanto, às vezes parece que as parábolas têm uma piada e um efeito e apelo estético à medida que a parábola é lida. Às vezes, as parábolas são até rotuladas como trágicas ou cômicas. Isto é, se o enredo da parábola sobe e depois cai, ou se isso seria trágico, onde a figura encontra um fim trágico, ou se a parábola desce para ter um elemento aparentemente triste, mas depois sobe para ter um final positivo para o herói da história.

Portanto, as parábolas são frequentemente categorizadas conforme sejam mais cômicas ou trágicas. Assim, a crítica literária, pelo menos com parábolas, pode muitas vezes ajudar-nos a ver onde estão os pontos principais, a ver como a história está estruturada e como funciona, e até mesmo a criar um efeito nos leitores. O que quero fazer na próxima sessão é talvez olhar para mais um exemplo de crítica literária no Novo Testamento, mas depois passar também para uma característica

mais específica da crítica literária conhecida como crítica narrativa, e examinar o que é e o que é. isso acontece, como tem sido usado e como pode ajudar na interpretação da literatura narrativa do Antigo Testamento e também do Novo Testamento.